

## A RELAÇÃO LÍNGUA, SUJEITO E DISCURSO NOS ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM: A CONCEPÇÃO PECHETIANA E BENVENISTIANA

### THE RELATION LANGUAGE, SUBJECT AND DISCOURSE IN THE STUDIES ON LANGUAGE: THE PECHETIANIAN AND BENVENISTIANIAN CONCEPTION

*Juliane TATSCH\**

**Resumo:** Este artigo apresenta as concepções de língua, sujeito e discurso discutidas por Émile Benveniste e por Michel Pêcheux, bem como a contribuição de suas teorias para o desenvolvimento dos estudos enunciativos e discursivos, visando estudar, através da Linguística, as problemáticas impostas pelo campo da Análise de Discurso, estabelecendo a necessidade de articulação desta disciplina com outras áreas das ciências humanas.

**Palavras-chave:** Língua; Sujeito; Discurso.

**Abstract:** This article introduces the concepts of language, subject and discourse discussed by Emile Benveniste and Michel Pecheux, as well as the contribution of their theories to the development of enunciative and discursive studies, aiming to study through Linguistics the problematics imposed by the field of Discourse Analysis, establishing the need to link this discipline with other areas of Humanities.

**Keywords:** Language; Subject; Speech.

### Palavras iniciais

O estudo é baseado em um recorte imprescindível quando tratamos de linguística. Investigar como se constituem os conceitos de língua, sujeito e discurso no âmbito dos estudos sobre a linguagem dentro da perspectiva abordada por Émile Benveniste e por Michel Pêcheux, é o que nos move ao pensar em como estes conceitos estão constituídos dentro de cada teoria. Em vista disso, situamos este estudo a partir de questões trabalhadas por Benveniste e por Pêcheux, objetivando localizar o leitor dentro da perspectiva benvenistiana e

---

\* Doutoranda em Letras/Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul, Brasil. Contato: [ju.liane12@hotmail.com](mailto:ju.liane12@hotmail.com).

pechetiana, visando compreender a abordagem linguística instituída por estes estudiosos da linguagem. Trata-se então, de demarcar as relações que se estabelecem na reflexão destes teóricos entre os três termos enumerados: *língua, sujeito e discurso*. Não nos deteremos em suas especificidades, tendo em vista que o que nos interessa é apenas estabelecer uma visão geral sobre os conceitos abordados pelos autores.

## 1 Situando o leitor

Émile Benveniste (1902-1976) foi um linguista estruturalista francês, conhecido por seus estudos sobre as línguas indo-européias e pela expansão do paradigma lingüístico estabelecido por Ferdinand de Saussure. Como linguísta, Benveniste, como perceberemos no decorrer desta leitura, procura demarcar de forma precisa para o leitor o que cada conceito de fato representa dentro da sua teoria. No entanto, Michel Pêcheux (1938-1983), partindo de referências teóricas de G. Canguilhem e L. Althusser (ambos, assim como Pêcheux, filósofos franceses), reflete sobre a história da epistemologia e a filosofia do conhecimento empírico. Através do confronto do político com o simbólico, a *Análise de Discurso* que ele propõe coloca questões para a Linguística interrogando-a pela historicidade que esta exclui.

A partir dos estudos sobre a Teoria da Enunciação, que então surgia no campo francês da linguística, através dos escritos de Jakobson primeiro e, posteriormente, os de Benveniste (MALDIDIÉ, 1997, p. 22), a leitura aqui sugerida objetiva demonstrar como este autor lança seu olhar para o que posteriormente viria a ser a chamada *Análise de Discurso* desenvolvida por Michel Pêcheux.

Diante disso, a partir dos estudos teorizados pela *Análise de Discurso* francesa que encontra na figura de Michel Pêcheux o seu fundador, e um dos filósofos da linguagem que vive a crise epistemológica da Linguística na década de 1960, buscamos no decorrer deste trabalho refletir sobre como as referências teóricas de Benveniste irão contribuir para o campo dos estudos discursivos desenvolvidos por Pêcheux nos anos 1960.

Dar início a essa reflexão exige que voltemos ao início do século XX, quando podemos encontrar as formulações de Ferdinand de Saussure, linguista suíço cujas reflexões serviram de base para a

constituição da linguística como a conhecemos hoje, ou seja, como uma ciência. Como leitor atento de Saussure, Pêcheux observa que ao recortar o seu objeto de estudo, Saussure, no *Curso de Linguística Geral* (1916), deixa momentaneamente as noções de sujeito e discurso para deter-se apenas na definição de língua enquanto sistema de signos, base a partir da qual se desenvolveu o pensamento linguístico atual. Conforme Saussure ([1916]<sup>1</sup> 1982, p. 17), “a língua é somente uma parte determinada, essencial da linguagem. É ao mesmo tempo um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.

Ao retomar o conceito de língua desenvolvido por Saussure, começamos então, a delinear o pensamento proposto no início deste trabalho que é estabelecer as devidas relações que interessam tanto à constituição dos Estudos Enunciativos como para a Análise de Discurso.

## 2 Émile Benveniste: a língua enquanto modo de significar

[...] somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade<sup>2</sup>.

Não é a língua que se dilui na sociedade, é a sociedade que começa a reconhecer-se como “língua”<sup>3</sup>.

A apreensão do conceito de língua que perpassa a obra benvenistiana passa necessariamente pela discussão do conceito de signo linguístico estabelecido por Saussure quanto à sua forma de significar, sendo que Benveniste propõe, para este, duas modalidades de sentido: o semiótico<sup>4</sup> e o semântico<sup>5</sup>. É assim que a língua constituída pela significação passa a ser descrita por ele como um

---

<sup>1</sup> A data entre colchetes remete a edição primeira da obra em língua francesa.

<sup>2</sup> BENVENISTE, ([1970] 2006, p. 63).

<sup>3</sup> BENVENISTE, ([1970] 2006, p. 47).

<sup>4</sup> Modo de significação do signo linguístico e que o constitui como unidade, considerado em relação com os demais signos.

<sup>5</sup> Modo específico de significância engendrado pelo discurso, a língua na sua função de produtora de mensagens.

sistema de “dupla significância”. Benveniste chama atenção para o fato de que, de todos os sistemas semióticos, a língua é o único capaz de interpretar os outros e também a própria sociedade (daí a relação estabelecida entre língua e sociedade, seu caráter essencialmente social).

Em Benveniste encontramos a língua sempre no seio da sociedade. E, segundo esse linguista, o homem não nasce na natureza, mas na cultura e nenhuma língua é separável de sua função cultural.

Essa primazia da língua sobre os outros sistemas se dá pelo seu modo singular de significação, que não pode ser reproduzido por nenhum outro sistema. Benveniste ([1970] 2006, p. 64, 65) formula essa peculiaridade como uma dupla significância, ou seja, dois modos distintos de significação: o semiótico e o semântico conforme citado anteriormente.

Considerado o linguista da enunciação, por criar uma nova teoria dentro dos estudos linguísticos – a *Linguística da Enunciação*, Benveniste irá nortear seus estudos a respeito da noção de língua, a partir da perspectiva da enunciação<sup>6</sup> pela qual ele a observa. Com essa teoria, possibilitou a reintegração do sujeito e da subjetividade nos estudos linguísticos, bem como um considerável avanço em direção aos estudos do discurso. A partir dos fundamentos postulados por Saussure, Benveniste concebe uma nova dimensão à categoria da língua. Define-a como sendo uma apropriação, uma relação com o mundo. É referência e correferência, é discurso, é o eu e o outro, é metalinguagem, é subjetividade<sup>7</sup>.

Ao reconhecer a natureza da subjetividade, E. Benveniste percebe a necessidade de distinguir a língua como repertório de signos e como atividade manifestada nas instâncias de discurso. Benveniste coloca então, a língua em uma nova extensão, a da significação, que só se dá na instância do discurso, isto é, na enunciação. E nesta teoria, a língua é vista na singularidade do sistema, ou seja, a língua passa a ser considerada pela sua subjetividade enquanto está em exercício pelo sujeito que a utiliza e a atualiza a partir da enunciação.

Na perspectiva de Benveniste, pode-se dizer que,

---

<sup>6</sup> Esta é definida como “o colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

<sup>7</sup> A subjetividade se dá na relação EU-TU.

como forma, a língua constitui uma estrutura, mas como funcionamento, a língua se transforma em discurso, que é o fenômeno temporal da troca, do estabelecimento do diálogo, é a manifestação interindividual da enunciação, é o seu produto (CARDOSO, 1999, p. 3-22).

A perspectiva benvenistiana de língua, vista como um mecanismo total e constante (BENVENISTE, 2006, p. 82), configura-se, pois, inicialmente por sua natureza e função social que permite ao homem, pela apropriação, encadeamento e adaptação dos diferentes signos, significar (produzir sentidos) e re-significar.

Desse modo, a apropriação da língua pelo homem é algo fundamental: o processo dinâmico da língua, que permite inventar novos conceitos e, por conseguinte refazer a língua, sobre ela mesma de algum modo. Tomando a enunciação como condição básica para refletir sobre a língua, Benveniste vem a perceber nessa categoria da língua talvez o mais importante viés da teoria enunciativa. Da definição universal de que *eu* e *tu* são pronomes pessoais, considerados como formas existentes em todas as línguas como “fatos de linguagem”, Benveniste percebe que, na organização referencial da língua, *eu* e *tu* não existem por si mesmos; só existem pela atribuição de referência; *eu* não tem referência em si mesmo, pois não é definível; “cada *eu* tem sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal” (BENVENISTE, [1956] 2006, p. 278).

Em Problemas de Linguística Geral II (1966) – no capítulo “O aparelho formal da enunciação”, ao denominar a noção de sistema desenvolvida por Saussure de **estrutura**, Benveniste entende a língua como uma estrutura na qual subjaz elementos disponíveis ao sujeito para dela fazer uso. Com isso, tem-se que o sistema da língua se realiza a partir do sujeito falando. Portanto, a visão de língua defendida por Benveniste é social, na medida em que parte das causas sociais dos fatos linguísticos para construir sua teoria. Verifica-se, essencialmente, que, para Saussure, o objeto da linguística é a língua enquanto sistema; para Benveniste, é a língua enquanto enunciação. A língua é concebida enquanto possibilidade, pois é o sujeito que dela se apropria e a atualiza.

### 3 O sujeito da subjetividade

Benveniste é um linguista que, apoiado nas ideias estruturalistas, procurou incluir o sujeito, anteriormente excluído da teoria saussuriana, na teoria linguística a partir de uma abordagem enunciativa da linguagem. Surgindo assim, no texto “Da subjetividade na linguagem”, datado de 1958, a sua teoria do sujeito. Para tal, questiona e critica a ideia de linguagem como instrumento de comunicação, pois “falar de instrumento é pôr em oposição o homem e a natureza [...] A linguagem está na natureza do homem que não a fabricou” (BENVENISTE, [1958] 2006, p. 285). Deste modo, pressupõe uma ideia de linguagem que dê ao indivíduo um status de sujeito porque “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 2006, p. 285), ou seja, o homem só é homem porque fala. O homem é um ser de linguagem. Mas não o é sozinho, precisa do outro. E é a linguagem que viabiliza a existência do par *eu-tu*, como sujeitos. Diante disto, podemos compreender que a linguagem será o lugar onde o indivíduo se constitui como falante e como sujeito, pois conforme afirma Benveniste “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito<sup>8</sup>”.

A constituição do homem como *sujeito*, como *eu*, só se dá numa relação dialética, onde *eu* fala para um *tu*, que será na alocação deste um *eu*, e este, um *tu*. Por essa possibilidade de inversão, compreende-se o que Benveniste chama de “eco” do *eu*, possível pela extensão do *tu*. Essa polaridade é condição fundamental na linguagem, uma vez que ela existe no homem para torná-lo *sujeito*, na medida em que *eu*, manifestação máxima de subjetividade, é transcendente a *tu*, embora só exista pela realidade deste. O sujeito de Benveniste é, em resumo, um “eu” que se caracteriza pela sua homogeneidade e unicidade e se constitui na medida em que interage com um “tu” – alocutário – opondo-se ambos a não-pessoa, “ele” (eu – tu x ele). Embora o *tu* seja complementar e indispensável, na relação é o *eu* que tem ascendência sobre o *tu*.

---

<sup>8</sup> Grande momento da enunciação: sujeito falando sempre.

Benveniste defende a ideia de que o sujeito, para se constituir como tal, precisa reconhecer o outro, sendo este real ou imaginário. Assim, estudando o homem na língua, Benveniste procurou entender o sujeito na linguagem como aquele que é origem da enunciação e do sentido, como a fonte do dizer. Podemos pensar então, que o sujeito foi uma consequência do anseio de Benveniste pela descoberta da significação, vindo a tornar-se o centro da teoria da enunciação do autor, o que nos remete a uma concepção de sujeito egocêntrico.

#### **4 A produção do discurso na teoria enunciativa**

Na perspectiva linguística de Benveniste observamos a categoria de discurso como sendo a língua considerada atividade, isto é, a língua em funcionamento. Benveniste entende a enunciação como o colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização, ou seja, é a conversão da língua em discurso pelo emprego que o locutor faz dela. Afirma, entretanto, que a enunciação deve ser entendida como o ato mesmo de produzir o enunciado e não como o texto produzido. É este ato de produzir um enunciado e não o texto produzido que elege como seu objeto de estudo. E é deste modo que, partindo de manifestações individuais, ele busca no interior da língua os caracteres formais da enunciação, isto é, a universalidade do processo de enunciação.

Benveniste ultrapassa a discussão de Saussure pela abertura de uma nova dimensão de significância do signo, a do discurso, que passa a denominar de *semântica*. Com a dimensão semântica, entra em questão um novo modo de significar que é engendrado pelo discurso (a língua considerada em funcionamento).

Para Benveniste, o discurso é o produto de um ato de enunciação. Ou seja, é a manifestação da língua na comunicação efetiva entre os membros de uma comunidade. É esse ato de enunciação que permite a apropriação individual da língua pelo sujeito falante e a sua conversão em discurso. O discurso emana então de um locutor (emissor) e dirige-se a um alocutário (receptor). Assim, Benveniste pensa na pessoa do discurso que entra na estrutura social. E essa relação se dá na sociedade, pois o discurso é produzido a cada vez que se fala. Segundo Benveniste ([1958] 2006, p. 288) “é na instância

de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como sujeito”.

Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e suscita uma outra enunciação de retorno (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 84).

Ao apropriar-se da língua enquanto aparelho formal, o locutor implanta o outro diante de si, sendo que

a condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 84).

Da enunciação, Benveniste ainda diz que o que a caracteriza é “a acentuação da relação discursiva com o parceiro”, seja ele real ou imaginado, individual ou coletivo. Descreve desta forma o que denomina de *quadro figurativo* da enunciação. Entendemos então, que no sentido de Benveniste, o discurso designa a instância de enunciação.

## 5 A noção de língua nos estudos de Michel Pêcheux

Pêcheux acreditava, diferentemente do que pregava Saussure, que o objeto de estudo das Ciências da Linguagem seria o discurso não a língua.

O objeto da lingüística (o próprio da língua) aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações (PÊCHEUX, [1988] 1990, p. 51).

Conforme Maldidier (1997), M. Pêcheux dispunha de uma concepção ainda simples da língua, fortemente marcada pela ideologia estrutural: a base inventariante (sintaxe) x a seleção combinação (léxico). Pêcheux estabelecia o princípio de unidade da língua, o qual contribui para o aparecimento de uma fórmula decisiva no pensamento pechetiano: há um funcionamento das línguas em relação a elas mesmas (MALDIDIÉ, 2003, p. 31). E a partir desse funcionamento autônomo é que serão pensados os processos discursivos.

De acordo com Mariani (1998), Pêcheux chama de “o próprio da língua” esse jogo ao qual a língua está submetida o tempo todo em função dos equívocos, das elipses, das alterações inerentes ao funcionamento da cadeia significante. Para Pêcheux, o objeto da linguística não existe sem o fato estrutural do equívoco, algo que se marca no “ordinário cotidiano” da produção de sentidos, mas a Linguística furta-se a lidar com isso.

Partindo então, do pressuposto de Pêcheux, em que a língua passou a ser analisada numa perspectiva histórica e social, percebemos que para a concepção discursiva de língua, a noção de sistema desenvolvida por Saussure no *Curso de Linguística Geral*, foi decisiva ao contribuir para desvincular a reflexão sobre a linguagem das evidências empíricas e afastá-la da influência dominante do sujeito psicológico (FERREIRA, 1999, p. 128). Pêcheux constata que a oposição língua/fala não poderia se incumbir da problemática do discurso, mas, para resolver o problema, ele não procura diluir esta oposição, e, sim, refletir sobre a fala, polo da oposição menos desenvolvido por Saussure (CARDOSO, 1999).

A língua é relativamente autônoma (ORLANDI, 2005: p. 11) e é vista por Pêcheux dentro da Análise de Discurso, sob uma ótica discursiva que propõe aos linguistas um modo de abordar a relação entre língua e história a partir de uma determinada prática social, instaurando ideologias e discursos. “É pela Língua que se chegaria à Análise de Discurso, a Língua posta em relação com a ideologia, com a história” (PETRI, 2006, p. 03). A língua seria a condição de possibilidade do discurso; o lugar material onde se realizam os efeitos de sentidos produzidos. É sujeita ao deslize, à falha, à ambiguidade, ou seja, ao equívoco. Pêcheux concebe a língua como condição de possibilidade do discurso.

## 6 O sujeito do discurso

Para pensar como M. Pêcheux desenvolve a questão do sujeito dentro da área dos estudos discursivos, relembramos o corte epistemológico feito por Saussure (1916) para definir o seu objeto de estudo. Ao separar a língua da fala, Saussure deixa de fora as questões relativas à constituição do sujeito nos estudos da linguagem. Somente mais tarde, com o trabalho de Benveniste (1966), abre-se caminho para o sujeito na área da linguística.

A concepção de sujeito do discurso na obra de Pêcheux desenvolvida entre a década de 60 e 70 está constituída considerando o sócio-histórico e o ideológico como elementos constitutivos dessa noção. Portanto, o lugar que o sujeito ocupa na sociedade vai ser determinante do/no seu dizer. O sujeito da Análise de Discurso não é o indivíduo, sujeito empírico, mas o sujeito que carrega consigo marcas do social, do ideológico, do histórico e tem a ilusão de ser a fonte do sentido. É um sujeito descentralizado, e não se constitui como fonte do seu dizer, ou seja, origem ou causa de si. Em 1975, em *Semântica e Discurso*, Pêcheux propõe à sua teoria sobre o sujeito o que denominou de “*uma teoria não-subjetiva da subjetividade*”, articulando inconsciente e ideologia, isto é, o sujeito é sempre e ao mesmo tempo sujeito da ideologia. E ao falar da não-subjetividade, Pêcheux nega a teoria da subjetividade desenvolvida por Benveniste, vista por este como a capacidade do locutor para se propor como sujeito.

Pêcheux ([1988] 1995, p. 161)<sup>9</sup> afirma que “os indivíduos são interpelados em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas<sup>10</sup> que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Afirma ainda, que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a

---

<sup>9</sup> Ano da edição usada para este trabalho. A obra “Semântica e Discurso” é datada de 1975.

<sup>10</sup> A noção de formação discursiva corresponde, segundo Pêcheux (1988, p. 160), a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente regulando o que pode e o que deve ser dito.

formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)” (PÊCHEUX, [1988] 1995, p. 163<sup>11</sup>).

Percebe-se então, que essa teoria vai trabalhar o sujeito como sendo afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. Isso implica pensar que:

A fundação da AD, então, é marcada pela presença de um sujeito que deixa de ser o centro e a origem do seu dizer, passando a uma categoria que funciona como efeito produzido pela ideologia no discurso. A partir dessa premissa, tomamos o discurso como produção de um sujeito dotado de inconsciente e determinado pela exterioridade [...] (PETRI, 2004, p. 71).

Segundo os pressupostos da Análise de Discurso, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Este é o princípio básico da noção de sujeito em Análise de Discurso. Em *Semântica e Discurso* (1975), observamos que Michel Pêcheux propõe um deslocamento em direção a uma reflexão teórica sobre a forma-sujeito e as ilusões da transparência do sentido, do sujeito – então fonte do sentido.

Logo, Orlandi (1999, p. 17) em seu artigo *Do sujeito na história e no simbólico* afirma que o “sujeito na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso”. Percebemos que a autora está se referindo ao lugar social/empírico do sujeito que, ao se subjetivar, ocupa uma determinada posição no discurso. Ainda, neste mesmo texto, Orlandi afirma que “sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da língua com a história” (ORLANDI, 1999, p. 17).

O sujeito submete-se à língua significando e significando-se através do funcionamento da língua na história. Deste modo, o sujeito para se constituir submete-se à língua como possibilidade de discurso e ao simbólico, ou seja, é pela ideologia que o indivíduo é interpelado em sujeito.

Orlandi (1999, p. 21) trata também do modo como a “materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo

---

<sup>11</sup> Ano da edição usada para este trabalho. A obra “Semântica e Discurso” é datada de 1975.

tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar novos (ou outros) lugares”. Portanto, o sujeito, para Pêcheux, é concebido como um “lugar determinado na estrutura social”; é histórico, ideológico e dotado de inconsciente e está de alguma forma inscrito no texto que produz.

Pêcheux então constrói a noção de sujeito da Análise de Discurso apoiando-se na noção althusseriana, que prevê o atravessamento da ideologia; e a noção lacaniana, que pressupõe o inconsciente como constitutivo (PETRI, 2006, p. 08).

Retomando brevemente a noção de sujeito a partir do corte saussuriano, tem-se que o sujeito sempre fala de um determinado lugar social, o qual é afetado por diferentes relações de poder, o que é constitutivo do seu discurso. É na relação com o outro que iremos nos constituir enquanto sujeito.

O tratamento dado ao sujeito na teoria pechetiana constitui-se numa noção trabalhada discursivamente que nos faz refletir sobre a questão da subjetividade e da história quando pensamos nos estudos sobre a linguagem. Portanto, o que vai representar a diferença desse sujeito, a sua marca discursiva, é o papel de intervenção da linguagem na perspectiva linguística e histórica que a Análise do Discurso lhe atribui.

## 7 O discurso em Michel Pêcheux

Para começar a falar da teoria do discurso de M. Pêcheux, citamos uma passagem do livro **A inquietação do Discurso** que expressa o que viria a ser essa teoria:

O discurso em Michel Pêcheux não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. (MALDIDIER, 2003, p. 15).

Partindo também do apoio crítico de Saussure para a construção da sua teoria sobre o discurso, Pêcheux a constitui como uma reformulação do conceito saussuriano afirmando que “é impossível analisar um discurso como um texto [...] é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um estado

definido das condições de produção” (PÊCHEUX apud MALDIDIER, 2003, p. 23). Pêcheux propunha o discurso como uma reformulação da fala saussuriana, o que nos leva a perceber, como afirma Maldidier (2003), que a ancoragem em Saussure estava firmemente marcada.

De acordo com Maldidier (1999, p. 20),

M. Pêcheux fornecia, simultaneamente, uma definição de discurso, sempre determinada e apreendida dentro de uma relação com a história, e um princípio de construção do corpus discursivo, ou seja, o discurso é sempre construído a partir de hipóteses histórico-sociais, não se confundindo nem com a evidência de dados empíricos, nem com o texto.

Também para Maldidier (1997), esse novo objeto manifestado pela Análise de Discurso representava, no campo da linguística, um verdadeiro deslocamento. Com este novo objeto e, partindo do materialismo histórico, o discurso é posto em relação com a ideologia. Diante disso, pressupomos através das reflexões de Pêcheux, que o discurso se configurava como o ponto de encontro da língua com a ideologia.

Podemos inferir ainda, que a Análise de Discurso produz no discurso uma relação do linguístico com o exterior da língua (Ibid., p. 23), ou seja, por ser determinado por um exterior, o discurso evoca o histórico-social que o constitui. E enquanto objeto sócio-histórico, o linguístico está sempre pressuposto.

Pêcheux então concebe o discurso enquanto efeito de sentidos (múltiplos e variados) entre locutores, como um lugar particular em que esta relação ocorre. Para este novo objeto da Análise de Discurso, os sentidos são determinados ideologicamente. É no discurso que a ideologia vai produzir efeitos, e esses efeitos surgirão em virtude do momento histórico em que as palavras são produzidas. A Análise de Discurso considera em que situação este discurso é produzido e qual sua analogia com o sujeito que o produz. Assumindo uma perspectiva althusseriana, o discurso é implicitamente assimilado a uma prática específica, requerida pela relação de forças sociais e sempre realizado através de um aparelho (MALDIDIER, 2003, p. 33). Desse modo, Pêcheux procurava a articulação entre língua, ideologia e discurso, base pela qual desenvolvia os processos discursivos.

Pêcheux coloca o discurso “entre a linguagem (vista a partir da lingüística, do conceito saussuriano de *langue*) e a ideologia” (HENRY, 1997, p.35). Portanto, a concepção de discurso em torno da qual se estrutura o projeto de Michel Pêcheux, no contexto da França de 1969, aproxima-se da análise das *condições de produção* que tornam possível um enunciado, abrindo-se para a dimensão social e histórica na qual ele se insere. Pode-se dizer então, que o discurso constitui um campo de investigação em torno do enunciado. O discurso é o lugar onde se produz o encontro da língua com o sujeito. É deste modo constituído pela língua, pelo sujeito e pela história.

O discurso é desse modo, tanto um lugar da observação das relações entre língua e ideologia, como é também um lugar onde se permite a visualização do funcionamento e da produção dos sentidos.

### **Para concluir**

Os recortes aqui trazidos visaram apenas a dar conta da perspectiva linguística traçada por Émile Benveniste e por Michel Pêcheux. Ambos contribuíram à sua maneira e ao seu tempo para dar à linguística a relevância que lhe é devida.

Analisando a contribuição de Pêcheux para o campo das ciências da linguagem e, especialmente, para a constituição da Análise de Discurso enquanto disciplina, argumentou-se que, embora a noção de subjetividade já houvesse sido incorporada aos estudos linguísticos por Benveniste, foi a partir de Pêcheux que a língua passou a ser analisada numa perspectiva histórica e social. Ao tratar a Linguística como teoria dos processos de enunciação, Pêcheux busca estabelecer uma ponte entre *ideologia, discurso e subjetividade*, de modo a refletir sobre a conversão do indivíduo em sujeito pela interpelação deste como sujeito de uma formação social, e que se reconhece como sujeito pelas práticas que o interpelam no interior das formações ideológicas, as quais se constituem através de uma ou outra formação discursiva a que estão ligadas. Em sua Análise de Discurso que explicita as relações entre sujeito, linguagem e história, Michel Pêcheux cria uma nova teoria com um novo objeto: o discurso. Com isto, produz uma mudança nos estudos da linguagem que afeta o território das ciências humanas e sociais.

Procurou-se então, estabelecer as relações fundamentais entre a noção de língua, sujeito e discurso dentro das teorias desenvolvidas por Benveniste e por Pêcheux, visando à compreensão da questão do sentido e da enunciação instituída por ambos, e estudar através da Linguística as problemáticas impostas pelo campo da Análise de Discurso, estabelecendo a necessidade de articulação desta disciplina com outras áreas das ciências humanas.

Assim, se para Benveniste a língua passa a ser considerada pela sua subjetividade, Pêcheux a concebe como condição de possibilidade do discurso, passando a ser analisada numa perspectiva histórica e social. O sujeito da subjetividade torna-se a origem da enunciação, a fonte do dizer, ao contrário do que pensava Pêcheux, pois o sujeito por ele constituído é descentralizado, sendo afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. Já a produção do discurso na teoria enunciativa, é considerada como a língua em funcionamento, isto é, a língua enquanto atividade. Por outro lado, o objeto da Análise de Discurso é configurado enquanto efeito de sentidos entre locutores. O que se observa é que tanto Benveniste como Pêcheux elegem o mesmo objeto de estudo: o discurso, porém visto sob óticas diferentes.

Com a Linguística da Enunciação de Émile Benveniste acentuou-se o interesse pelo discurso. Deste modo a Análise de Discurso de linha francesa desenvolvida por Michel Pêcheux na década de 60, propiciou uma nova forma de pensar os estudos sobre o discurso dentro da área dos estudos enunciativos e discursivos. Pêcheux dá uma grande contribuição aos estudos linguísticos ao desenvolver a ideia de que a linguagem é uma importante forma material da ideologia.

No entanto, ao considerar a língua sob o ponto de vista histórico e social, contesta a noção de linguagem como sistema fechado em si mesmo, de Saussure, e a perspectiva individual e subjetiva de enunciação, de Benveniste. Através de sua preocupação com o método e de suas discussões sobre o acontecimento e sobre o estatuto do sujeito na linguagem, Pêcheux trouxe contribuições fundamentais para a constituição da AD enquanto disciplina. Ao conceber o discurso como uma instância inteiramente histórica e social, ele demonstra que a linguagem, enquanto discurso, não pode ser compreendida como uma unidade significativa, mas como um efeito de sentido entre os sujeitos que a utilizam.

Assim, através da relação entre língua e teoria do discurso demonstrou-se um pouco sobre a percepção e compreensão da linguagem como meio que nos instiga a prosseguir a pesquisa nesse complexo e infundável campo de estudos quando se pensa a língua, o sujeito, a ideologia, a história, a linguagem e o discurso.

## Referências

BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 277-283.

\_\_\_\_\_. Da subjetividade na linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 284-293.

\_\_\_\_\_. O aparelho formal da enunciação. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 81-90.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. *Discurso e Ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Saussure, Chomsky, Pêcheux: a metáfora geométrica do dentro/fora da língua. *Linguagem & Ensino*, Vol. 2, nº. 1, 1999. p.123-137.

GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do Discurso: Uma Introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

HENRY, Paul. Os Fundamentos Teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1993. p. 13-38.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da análise de discurso na França. In: ORLANDI, Eni. *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 15-25.

\_\_\_\_\_. *A inquietação do discurso: re (ler) Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni Pucinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MARIANI, Bethania. *Sobre o sujeito e a língua em alguns textos e conceitos fundadores de M. Pêcheux: uma retomada em Althusser e Lacan*. Disponível em: <[http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/artigos\\_mariani.ph](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/artigos_mariani.ph)>. Acesso em: 18 jun. 2011.

ORLANDI, Eni. Do sujeito na história e no simbólico. *Escritos n° 4. Contextos Epistemológicos da Análise do Discurso*. Campinas, SP: LABEURB/UNICAMP, 1999. p. 17-27.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Pucinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas, SP: UNICAMP, 1995.

PETRI, Verli. *Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60*. Disponível em: <[http://www.ufsm.br/corpus/txts\\_profes/Verli\\_expressao.pdf](http://www.ufsm.br/corpus/txts_profes/Verli_expressao.pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Algumas reflexões sobre o sujeito nos estudos da linguagem. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas: Pontes Editores, 2004, n. 13/14. p. 65-74.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1982.

*Recebido em 30/08/2011*

*Aceito em 02/10/2011*